



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

GESIELE FERREIRA DE JESUS

**MEMÓRIAS DO CARVÃO: LEMBRANÇAS SOBRE OS BASTIDORES DO
TRABALHO DA ÉPOCA CARBONÍFERA NO MUNICÍPIO DE CRICIÚMA, SANTA
CATARINA.**

Tubarão

2018

GESIELE FERREIRA DE JESUS

**MEMÓRIAS DO CARVÃO: LEMBRANÇAS SOBRE OS BASTIDORES DO
TRABALHO DA ÉPOCA CARBONÍFERA NO MUNICÍPIO DE CRICIÚMA, SANTA
CATARINA.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Alexandre de Medeiros Motta, Msc.

Tubarão

2018

GESIELE FERREIRA DE JESUS

**MEMÓRIAS DO CARVÃO: LEMBRANÇAS SOBRE OS BASTIDORES DO
TRABALHO DA ÉPOCA CARBONÍFERA NO MUNICÍPIO DE CRICIÚMA, SANTA
CATARINA.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Tubarão, 26 de novembro de 2018.

Professor orientador, Alexandre de Medeiros Motta, Ms.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Claudio Damaceno Paz, Ms.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Mario Cezar Oliveira Cardoso, Esp.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico este trabalho:

A Deus, que me dá forças para enfrentar os desafios diariamente.

À minha mãe, Genilda, que me deu a vida, educação, e que me incentivou a fazer este projeto.

Às minhas irmãs, Gesilaine e Karoline, e meu padrasto Rafael, que compreenderam os dias tempestuosos, e que estenderam a mão e o ombro dando forças e incentivo.

Ao professor, Alexandre de Medeiros Motta, em especial, pela orientação, competência, sabedoria e palavras de apoio, por também abraçar comigo esta pesquisa.

Aos meus amigos, por terem sempre me apoiado nas decisões importantes da minha vida.

Ao meu avô, por suas peripécias como mineiro, que abrilhantou minha infância e indiretamente me fez fazer este projeto.

A todos que contribuíram das mais variadas formas para a concretização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador, Alexandre de Medeiros Motta, por sua atenção mesmo nos momentos mais difíceis do trabalho.

Aos professores Claudio Damaceno Paz e Mario Cezar Oliveira Cardoso por terem prontamente aceitado participar da banca examinadora do presente trabalho.

A minha mãe, Genilda, por sempre me incentivar, por abraçar este projeto e fazer de tudo para que a concretização deste sonho.

As minhas irmãs, Gesilaine e Karoline, e meu padrasto Rafael que entenderam minha ausência nos afazeres diários, por compreender meus altos e baixos no humor e por sempre me apoiar em tudo.

Aos amigos que estiveram sempre do meu lado, incentivando, direta e indiretamente para que eu continuasse firme na elaboração e concretização deste projeto.

Ao meu primo Raul, que não poupou esforços em ajudar na concretização deste projeto.

Aos entrevistados, por concederem parte de seu tempo para contar os bastidores das minas de carvão, o que engrandeceu este projeto ainda mais.

Aos colaboradores da Mina de Visitação Octavio Fontana, por disponibilizar tempo e respostas para que este projeto fosse enfim finalizado.

E, a Deus, por sempre iluminar meu caminho, mesmo nas adversidades, para que eu pudesse seguir em frente com meu sonho.

“Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de formar grandes sofrimentos e também de remediá-los.” (Alvo Dumbledore, Harry Potter e as Relíquias da Morte).

RESUMO

O presente trabalho apresenta, principalmente o que representa ao campo histórico do município de Criciúma e região, especialmente em relação a questão do aspecto econômico e histórico que fez crescer a região carbonífera de Criciúma. Desse modo, apresenta-se como tema para a monografia: Memórias Do Carvão: Lembranças dos mineiros sobre os bastidores do trabalho da época carbonífera no município de Criciúma, Santa Catarina. Entendendo que a mineração foi de fato importante para o crescimento econômico da região sul catarinense, e que conhecer a fundo a história por trás dos registros dos livros é de suma importância, destaca-se a questão: Que lembranças perpassam as narrativas dos mineiros sobre a época áurea da exploração do carvão no município de Criciúma? Com isso, o trabalho permite então conhecer as contribuições da área carbonífera para a região sul catarinense, mas também os fatos não relatados em livros e que estão na memória de mineiros e de suas famílias. Para isso, desenvolveu uma pesquisa qualitativa de campo, recorrendo-se a pesquisa de tipo bibliográfica, também, e na aplicação de entrevistas (conversas dirigidas) junto aos mineiros e familiares na região de Criciúma, trazendo relatos por ventura esquecidos e ofuscados pelo brilhantismo da época áurea da mineração na cidade. Por fim, se entendeu que a mineração foi de suma importância para a região sul catarinense, principalmente para a cidade de Criciúma, a capital nacional do carvão, que traz em seu ser a identificação com o carvão desde seu hino até os nomes dos bairros.

Palavras-chave: Mineração; Carvão; Criciúma; Memória e História.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Broca movida a manivela manualmente. ...	Erro! Indicador não definido.	5
Figura 2– Gaiola nas minas.....	Erro! Indicador não definido.	8
Figura 3 – Carvão Mineral logo após ter sido extraído.	Erro! Indicador não definido.	
Figura 4 – Impacto ambiental provocado pela extração do carvão.	Erro! Indicador não definido.	0
Figura 5 – Mapa da região carbonífera.	Erro! Indicador não definido.	1
Figura 6 – Os tropeiros, segundo Willy Zumblick.	Erro! Indicador não definido.	2
Figura 7 – Friedrich Sellow.....	Erro! Indicador não definido.	
Figura 8 - Visconde de Barbacena.....	Erro! Indicador não definido.	5
Figura 9 – A empresa Ferrovia Tereza Cristina S/A (FTC).	Erro! Indicador não definido.	
Figura 10 – Mineração de carvão em Criciúma, 1938.....		27
Figura 11 – Mineiro em trabalho manual	Erro! Indicador não definido.	
Figura 12 – Monumento aos “homens” do carvão		33
Figura 13 – Mulheres escolhedeiras.		35
Figura 14 – Condição de trabalho dos mineiros	Erro! Indicador não definido.	
Figura 15 – Mina de Visitação Octavio Fontana.....	Erro! Indicador não definido.	7
Figura 16 – Winetton Rodrigues Rego (Tom)		38
Figura 17 – Lanterna de minerador a Carbureto.		39
Figura 18 – Vestimenta e segurança dos mineiros em diferentes épocas.		41
Figura 19 – Genilda Ferreira.		42
Figura 20 – Vila operária da Próspera, Criciúma SC..	4Erro! Indicador não definido.	
Figura 21 – Greve dos mineiros contra a privatização da CSN, em 1960.....		44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.0
1.2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
1.3 JUSTIFICATIVA	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
1.4 OBJETIVOS	11
1.5 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
1.6 ORGANIZAÇÃO DO PLANO CAPITULAR	1ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
2 UM DIÁLOGO ENTRE A MEMÓRIA E HISTÓRIA	13
2.1 MEMÓRIAS VIVAS DA MINERAÇÃO.....	14
2.2 RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA.....	16
3 MINERAÇÃO DO CARVÃO NA REGIÃO CARBONÍFERA DE CRICIUMA	19
3.1 O CARVÃO NO SUL DO BRASIL	21
3.2 DA PRIMEIRA MINA DE CARVÃO À “MORTE ANUNCIADA” DA INDÚSTRIA CARBONÍFERA	25
3.3 O TRABALHO NA MINA	28
4 CONCLUSÃO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
REFERÊNCIAS	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo aborda os elementos que compõe a etapa inicial do trabalho, desde a delimitação do tema até a organização capitular.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A mineração foi por muito tempo a principal fonte econômica do sul do Estado Catarinense, com isso Criciúma, a cidade metropolitana sul catarinense, foi a que mais cresceu economicamente. Porém, essa atividade teve um custo altíssimo, principalmente, ao meio ambiente local. Com base no exposto, apresenta-se a seguinte delimitação temática de pesquisa: **Memórias do carvão: lembranças sobre os bastidores da época carbonífera no município de Criciúma, Santa Catarina.**

1.2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Entendendo que a mineração foi de fato importante para o crescimento econômico da região sul catarinense, e que conhecer a fundo a história por trás dos registros dos livros é de suma importância, destaca-se a seguinte pergunta central: **Que lembranças perpassam as narrativas sobre a época áurea da exploração do carvão no município de Criciúma?**

1.3 JUSTIFICATIVA

O presente tema se justifica pela importância que representa a mineração do carvão ao campo histórico, principalmente para a Região Sul Catarinense, que se desenvolveu economicamente à sombra do “sucesso minerador”. As lembranças sobre a época fazem com que se tenha uma ideia do quanto foi importante essa atividade econômica para a região.

Segundo Pollak (1989, p. 14), “um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória, segundo as possibilidades da comunicação”.

Conforme Bosi (2003), “A memória oral é fecunda quando exerce a função de intermediário cultural entre gerações.”

Assim, não existe história sem memória. Mesmo que a história não seja a simples sistematização de memórias, estas, sem dúvida, são interlocutoras fundamentais para a construção da mesma, tanto pelo âmbito oficial, como pelo âmbito não oficial. Nesse sentido, a história oral é a forma mais adequada para se revelar os detalhes que envolveram os fatos de época da mineração, que não se encontram em livros, sites ou museus.

Para Bosi (2003), “a memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade em que se insere.” Nesse sentido, é necessário dar voz aos agentes (os mineiros) que viveram uma época de prosperidade para a economia regional. As lembranças dos mineiros podem suscitar detalhes que nos permite conhecer melhor os bastidores da “lida” das minas de carvão, já que o trabalho braçal era um dos seus pilares.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

Conhecer o tipo de influência que a mineração teve em âmbito regional e as histórias que os mineiros têm para contar deste período.

1.4.2 Objetivos Específicos

- a) Relacionar aspectos conceituais que envolvem os campos da Memória e da História.
- b) Contextualizar a mineração do carvão em âmbito nacional, regional e local.
- c) Descrever a formação da mineração do carvão na cidade metropolitana de Criciúma.
- d) Discorrer sobre a mineração do carvão como um fator importante para a formação econômica da região sul catarinense.

e) Revelar a história que há por trás das minas de carvão, contada pelos trabalhadores mineiros.

1.5 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A investigação proposta para o trabalho monográfico, quanto ao seu objetivo, consistiu em uma pesquisa de tipo exploratória, pois proporciona “[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” (GIL, 2002, p. 41). Quanto aos procedimentos na coleta de dados, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa de campo, recorrendo-se a pesquisa de tipo bibliográfica, também, e na aplicação de entrevistas juntos aos moradores das comunidades mineradoras.

A pesquisa bibliográfica decorreu da necessidade de se fazer leituras, análises e interpretações de fontes secundárias (livros, revistas, jornais, monografias, teses, dissertações, relatórios de pesquisa, etc.). A finalidade desta consiste em colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi escrito ou dito sobre o tema em estudo. (MOTTA, 2012). É uma pesquisa que explica o tema em questão à luz dos modelos teóricos pertinentes.

Quanto a entrevista “[...] é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram [...]” (SELLTIZ et al. apud GIL, 1995, p. 113) sendo fundamental para extrair informações do objeto em questão.

1.6 ORGANIZAÇÃO DO PLANO CAPITULAR

O desenvolvimento deste trabalho está organizado em dois capítulos. O segundo aborda a relação entre Memória e História, o papel do historiador para que o diálogo entre os dois termos ocorra e para que fatos importantes não caiam no esquecimento, se caso esses fatos não estejam documentados. Nesse sentido, o historiador utiliza a História Oral como sua ferramenta para que a Memória e a História dialoguem e fatos sejam então captados e por fim documentados. Em relação ao terceiro capítulo, que é mais extenso, aborda desde a “descoberta” do carvão, como o mesmo obteve importância para a Região Sul Catarinense e para o

território nacional, e vai até relatos e fatos da vida cotidiana dos mineiros no interior das minas, as dificuldades enfrentadas por eles, tanto nas minas, quanto em suas casas.

2 UM DIÁLOGO ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA

A relação entre Memória e História é antiga, uma depende da outra, uma fornece e a outra capta informações para que fatos, contos e personalidades históricas não fiquem esquecidas pelo tempo e pelas pessoas em geral.

Para entender melhor a relação entre História e Memória e o quão é importante esse diálogo, recorro, obviamente aos fatos históricos conhecidos, mais especificamente aos gregos, em que História, vinda do grego, *Historie*, significa procurar, investigar. Nessa busca, a essência da História como transformação (e seu processo formativo), bem como sua dimensão de análise, como o tempo e o espaço. (SILVEIRA, 2007).

Por outro lado, a Memória, para os gregos, era tão importante que recebeu um lugar especial no panteão de seus deuses. Segundo o mito, *Mnemósine*, a deusa da memória, foi a quarta esposa de Zeus que gerou, dessa união, nove musas, entre elas, *Clio*, a História. Nesse sentido, poderíamos pensar que, para a produção da (s) História (s), torna-se indispensável recorrer à memória. (SILVEIRA, 2007).

A memória no campo da História é um elemento imprescindível para viabilizar dados e fatos do passado, para que os mesmos não caiam no esquecimento ou sejam perdidos pelo tempo. Para que isso não aconteça, recursos são utilizados pelos historiadores, dentre eles a História Oral, um método importante de dar voz aos fatos históricos que, por obra do tempo, não possuam documentos, fotos ou escritos.

Porém, quando usada, a História Oral pode por vezes atrapalhar, por isso o trabalho do historiador é tão importante, para que os fatos contados por meio de entrevistas não sejam levados ao pé da letra, já que, alguns entrevistados ao serem questionados podem “aumentar, fantasiar e exagerar” na fala. Por esse motivo, o diálogo e entendimento entre História e Memória torna-se tão necessário.

Este trabalho visa levantar dados e histórias da época áurea da mineração na Região Carbonífera de Criciúma, como não há um enfoque maior na

vida e história dos mineiros, sobre o que estes homens e mulheres vivenciaram nas minas, entrevistas são necessárias, para que haja então uma visibilidade maior deste fato que se tornou por anos muito importante, principalmente para a região Sul Catarinense. É aí que este diálogo entre a História e a Memória entram neste trabalho, como exposto acima, uma depende da outra, uma complementa a outra.

2.1 MEMÓRIAS VIVAS DA MINERAÇÃO

Durante minha infância, principalmente, escutava atenta às histórias dos meus familiares sobre o passado, os famosos “*causos*”, que eram repassados pelos mais velhos, para que não fosse esquecido, e sempre quando um desses casos chegava ao fim um lembrete era dado pelo orador, “não se esqueça de passar adiante”,¹ ou seja, a memória era ativada para contar os fatos, tornando assim algo conhecido e, conseqüentemente viva, para que essa história contada seja sempre passada adiante.

Um desses casos, é justamente sobre a vivência do meu avô materno, Sr. Paulo Manoel Ferreira (*in memoriam*), nas minas de carvão de Criciúma, Santa Catarina. A grande responsável por minha admiração e paixão pelo meu avô foi minha mãe, ela sempre que podia contava uma história, que contaram a ela ou que meu próprio avô tenha compartilhado. Infelizmente, ele, meu avô, já é falecido e perguntas que gostaria de fazer não são mais possíveis, um dos motivos que me fizeram escolher este tema, pois como amante da História Oral e da História de meu avô, não posso deixar cair ainda mais no esquecimento fatos tão importantes, para mim e para toda a região de Criciúma, Santa Catarina.

Segundo relatos de minha mãe, Genilda Ferreira, que agora estão vivos em minha memória, boa parte da família trabalhou nas minas de carvão, principalmente dos anos 50 até os anos 70, quando foi o auge da mineração carbonífera. Dentre eles, meu avô, Paulo, que trabalhou boa parte de sua vida nas minas. Minha mãe conta que ele foi o responsável por algumas mudanças no modo de trabalhar, ou seja, nessa época o maquinário era escasso, principalmente para auxiliar no trabalho braçal, o que acarretava na demora de serviços simples, que se usada uma máquina no lugar seria mais rápida, logo adiantaria muita coisa. Uma

¹ Expressão utilizada pelas pessoas mais velhas ao me contarem histórias dessa época.

dessas mudanças foi durante uma vistoria de um engenheiro nas minas para calcular a necessidade de utilizar broca no lugar da “manivela” movida pelos braços dos mineiros, meu avô utilizando de sua astúcia, conseguiu demorar pelo menos 2 horas no serviço braçal. Segundo minha mãe, ele “engambelou” o engenheiro, atrasando mais que o necessário para girar a manivela. Conclusão, foi instalado a broca para agilizar o serviço, e não desgastar fisicamente os mineiros. Consequência de uma mente extremamente brilhante para facilitar seu trabalho.²

Figura 1- Broca movida a manivela manualmente



Fonte: Mina de visitação Octavio Fontana, de Criciúma, 2018.

Além dessas memórias revisitadas, lembra-se também que a emergência das atividades carboníferas na região modificou substancialmente a paisagem local, relações de trabalho, relações sociais e contribuiu para a construção de uma cultura mineradora, bem como, transformou a organização doméstica e a configuração do espaço da moradia.

Da mesma forma, segundo Goulart Filho (2004), a atividade mineradora revelou a baixa qualidade de vida da população mineira, a deplorável situação em que esta vivia e o alto índice de mortalidade infantil, um problema da cidade, como também um problema de âmbito nacional.

Sendo assim, para que essas questões não fiquem no silêncio é

² Relato de minha mãe, Genilda Ferreira, 45 anos, acerca de uma história contada a ela por meu avô, sobre uma de suas peripécias da época das minas de carvão.

necessário que se faça um estudo mais detido das memórias. Trazer à tona vozes que ainda estão latentes no subterrâneo da memória é muito interessante para a história do carvão. Homens e mulheres que enfrentaram medos e abismos ao adentrar as minas, para que haja admiração pelo trabalho e empenho desses sujeitos.

Histórias como estas devem ser passadas adiante, a outras gerações, que não se identificam com sua região ou com sua própria história. Há que se formar uma identidade ou um sentimento de pertencimento com essas histórias, para que não seja jogada no fundo vazio de um baú escuro e abandonado, esquecida e apagada. Assim, o diálogo entre os campos da História e da Memória é imprescindível.

Um método utilizado para a concretização deste diálogo é o da História Oral (HO), já mencionado acima, que é uma ferramenta indispensável aos historiadores para manter tanto a história e memória vivas, como para abranger todo um contexto, saindo de história pessoal para uma história social, relevante na sociedade.

Casos de eventos circunstanciais, como cataclismos, desastres, tragédias ou mesmo comemorações culturais ou cívicas, em geral, também podem gerar estudos que passam pelas narrativas comunitárias ou pessoais. Acontecimentos importantes marcam o cruzamento de experiências sociais e se tornam ponto de referência para a análise do andamento coletivo. (MEIHY, 1996, p. 36).

Em outras palavras, fatos muitas vezes inexplorados, mas com repercussão social, por exemplo, são melhor evidenciados através da HO, passando assim a ter documentação, relatos, imagens que enriquecem ainda mais a História e faz com que a memória permaneça viva e possua relevância social.

2.2 RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA

Um dos problemas enfrentados pelos historiadores ao lidarem com entrevistas para gerar evidências e fatos do passado, é a fantasia e a nostalgia que a mente humana cria ao tratar de assuntos passados, neste caso “a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si”. (MEIHY, 2002, p. 50). Por

esse motivo torna-se difícil lidar com a HO, mas ao mesmo tempo as narrativas são documentações vivas, o que a torna indispensável em muitos casos.

Todavia, o erro insiste em aparecer quando trata-se de memória e história, já que não há a recuperação da memória ao se utilizar as narrativas de histórias pessoais, pois a “memória não é uma coisa ou um objeto concreto, por isso resgatável”. (MEIHY, 2002, p. 50).

Cabe, assim, ao historiador entender que a mente humana procura humanizar e romantizar as situações, fazendo com que as narrativas tenham falhas, como mentiras, esquecimentos e deformações dos fatos, não significa que a pessoa entrevistada faz essa narrativa com esses aspectos por querer, e sim por “ligar o automático” e contar as versões que melhor agrada.

Um exemplo claro disso são as histórias contadas pelas pessoas mais velhas, em que toda vez que é contada algo some ou é acrescentado no enredo, mas a raiz da história continua a mesma, sendo a parte que o historiador deve aproveitar em seus escritos.

O passado contido na memória é dinâmico como a própria memória individual ou grupal. Enquanto a narrativa da memória não se consubstancia em um documento escrito, ela é mutável e sofre variações que vão da ênfase e da entonação a silêncios e disfarces. (MEIHY, 1996, p. 52).

Embora a memória seja mutável, as narrativas tornam-se indispensáveis neste trabalho, pois é a partir delas que a história será construída, mantida e evidenciada. Não significa que será um trabalho fácil, invocar o passado e mexer em memórias pessoais, fatos que há muito não são contados, mas que carregam um peso importante para a região carbonífera de Criciúma e para os familiares dos mineiros, e entender todo um aspecto da vida dos mineiros nas minas, os bastidores do trabalho é também humanizar, e não romantizar, essas narrativas.

Porém, muitas das vezes o uso da memória para dialogar com a história é feito de modo a evidenciar apenas um aspecto, e não recriar um contexto. Contudo, quando não é utilizado pelo historiador, por mais que aparenta não ser importante relatar tal fato, o trabalho deste é também o de buscar novas fontes para então contextualizar com o que já conseguiu com a HO.

Assim, para desenvolver este trabalho foram necessárias a realização de pesquisas em campo na região de Criciúma, bem como a visitação de uma mina desativada no bairro Napolini, localizado em Criciúma, própria apenas para a

realização de visitas para um amplo conhecimento na área, assim como realizar uma pequena viagem ao ambiente de trabalho dos mineiros, pois é de suma importância não apenas a parte das entrevistas, mas também a observação da mina em si, para que possa enfatizar e mostrar a realidade vivida pelo mineiros nas décadas de ouro da mineração de carvão. Procurar estas fontes tão importantes foram de suma importância, para, de fato, mostrar os perigos, doenças e incertezas expostas aos trabalhadores das minas, toda vez que os mesmos desciam nas “gaiolas” até o seu local de trabalho.

Figura 2 – Gaiola nas minas



Fonte: TV Manchete, 1989-1991

Outro episódio que marcou minha memória e motivou-me a estudar a temática aqui abordada, remonta ao final dos anos 80, quando se apresentou uma reportagem da TV Manchete, sobre a vida cotidiana dos mineiros, enfatizando os inúmeros perigos que os trabalhadores estavam sujeitos. A reportagem focava os danos a natureza, as doenças, tragédias, perigos e como era o trabalho dos mineiros no interior das minas.³

Destaquei essa reportagem, porque entendemos que é uma forma de revelar a realidade do mineiro com outros olhares, mas não é o mesmo que conversar frente a frente com alguém que esteve nessas minas espalhadas pela região metropolitana de Criciúma, bem como alguém próximo ao mineiro e que pode apontar fatos, problemas e incertezas nunca antes expostos, fatos importantes e que

³ Reportagem do Documento Especial da TV Manchete (1989-1991) sobre os carvoeiros da região de Criciúma, SC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8h_roGH1onI>.

norteiam este trabalho acadêmico, que merecem ser ouvidos e não esquecidos. E é isso que se verá em detalhes no próximo capítulo.

3 MINERAÇÃO DO CARVÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DE CRICIÚMA, SANTA CATARINA

Mineração é um termo que tem certo significado negativo, de destruição. Essa atividade se iniciou na pré-história com a obtenção de minerais, como sílex e cherte, para confecção de armas e utensílios domésticos. A partir daí tornou-se cada vez mais avançada a tecnologia para extração e beneficiamento do minério com melhor teor e melhor qualidade.

O carvão, assim como o petróleo, é uma energia finita, com prazo de validade, já que o tempo necessário para sua formação é muito maior que o seu consumo. Durante a 2ª Revolução Industrial, devido à grande procura pelo petróleo, o consumo de carvão ficou reduzido. Hoje, seu uso vem crescendo fortemente no mundo, alavancado pelos baixos preços e pela faminta necessidade chinesa.

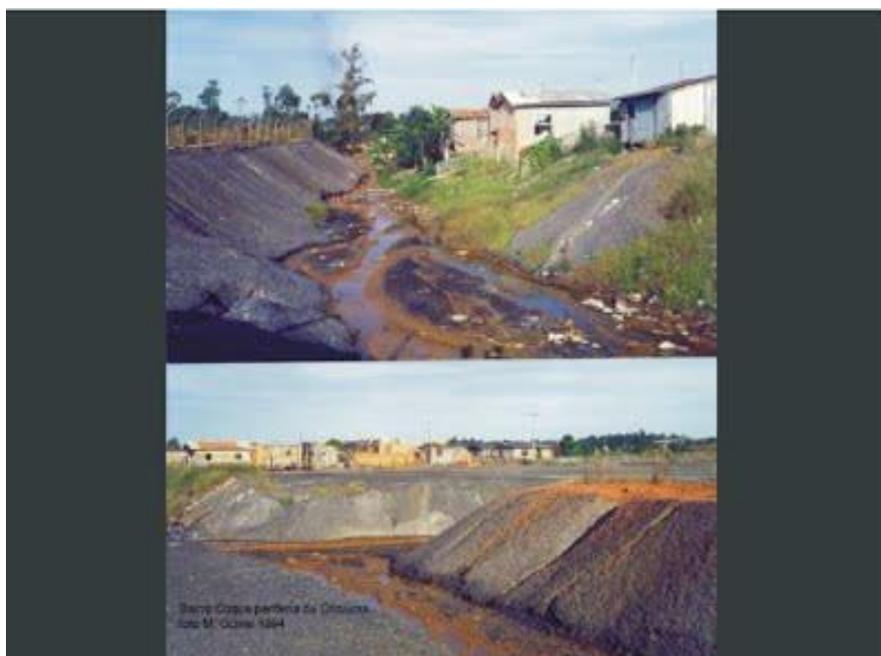
Figura 3 – Carvão Mineral logo após ter sido extraído



Fonte: https://www.google.com.br/search?q=imagem+do+carv%C3%A3o+mineral+em+criciuma&rlz=1C1SQJL_pt-...

Contudo, o carvão mineral é a energia mais poluente dentre as mais utilizadas pelo homem. No passado, a extração do carvão agrediu o meio natural em que se inseria. Na região carbonífera de Santa Catarina a poluição hídrica causada pela drenagem ácida é provavelmente o impacto mais significativo das operações de mineração e beneficiamento do carvão mineral. Essa poluição decorre da infiltração da água de chuva sobre os rejeitos gerados nas atividades de lavra e beneficiamento, que alcançam os corpos hídricos superficiais e/ou subterrâneos.

Figura 4 – Impacto ambiental provocado pela extração do carvão



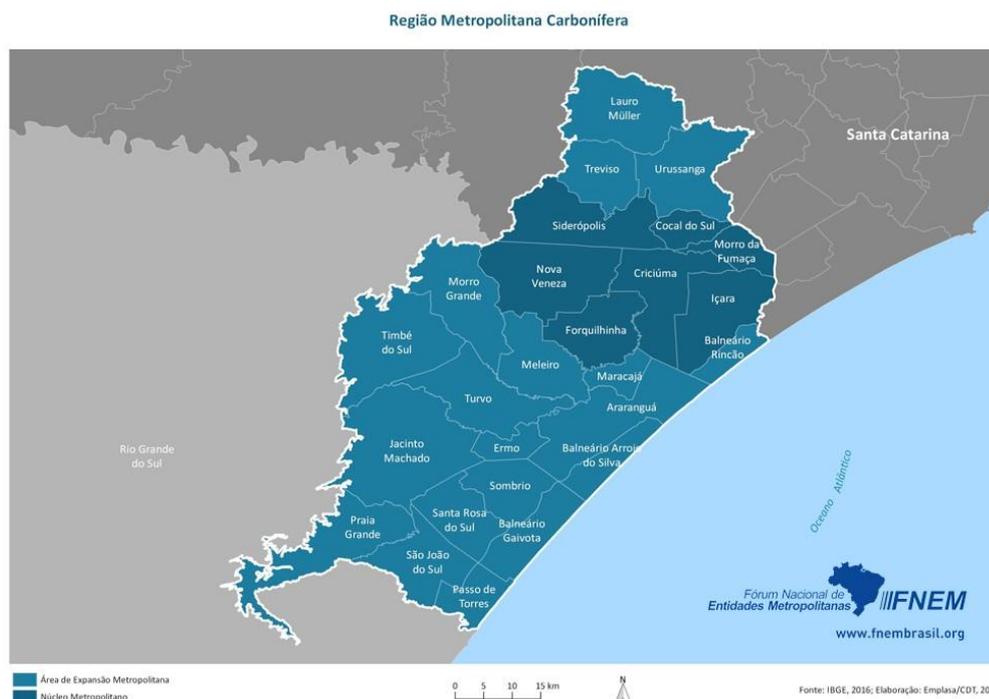
Fonte: https://www.google.com.br/search?q=imagem+do+carv%C3%A3o+mineral+em+criciuma&rlz=1C1SQJL_pt-...

Além dos danos ambientais, há também os riscos que o mineiro pode sofrer com os acidentes de trabalho na área de mineração bem como o acometimento de doenças respiratórias, como a pneumoconiose, causada pela inalação contínua da poeira do carvão. Essa doença reduz a expectativa de vida do portador, uma vez que restringe a entrada de ar pelas vias respiratórias.

No ângulo econômico, o carvão de Santa Catarina é um setor muito importante para o Estado, embora ainda seja pouco estudado no campo da história regional, mais especificamente da Região Sul, sendo que em alguns municípios, como Criciúma, faz parte direta de sua formação histórica e política.

A região metropolitana criciumense foi por décadas movida economicamente pela mineração do carvão. Os municípios vizinhos foram influenciados com o *boom* do carvão, onde minas e cooperativas foram criadas especificamente para explorar este rico produto em seu estado bruto.

Figura 5 – Mapa da região carbonífera



Fonte: <http://fnemrasil.org/regiao-metropolitana-carbonifera-sc/>

Em relação a metodologia de estudo desenvolvida no trabalho, para se chegar na ideia da importância da economia do carvão em âmbito regional e nacional, retornou-se no tempo ou se fez uma leitura de época, a fim de se apresentar os passos que foram dados para esta atividade ser realizada a todo vapor por anos a fio.

3.1 O CARVÃO NO SUL DO BRASIL

A história do Sul de Santa Catarina é ainda pouco explorada, logo informações do pioneirismo da descoberta do carvão traz poucas versões, sendo a mais aceita, é a de que os tropeiros que viajavam cortando Santa Catarina, fazendo rotas a cavalo, foram os primeiros a encontrarem o carvão bruto e a espalhar a notícia da descoberta. Viram ali um futuro econômico, pois aquela “pedra preta”, que

queimava, podia sanar muitas dificuldades financeiras, principalmente aos viajantes como eles.

Porém, os indígenas já tinham o devido conhecimento das qualidades dessa pedra, que entrava em combustão, mas diferente dos tropeiros e decorrente de sua visão sociocultural, não enxergavam naquele elemento algo voltado para o lucro financeiro. Para o indígena, o “mundo natural” é antes de tudo uma ampla rede de inter-relações entre seus agentes, humanos ou não-humanos. Isto significa dizer que os homens estão sempre interagindo com a “natureza” e que esta é mutável.

No entanto, os governantes da época ficaram sabendo da notícia sobre as propriedades de combustão do carvão, que foi logo espalhada aos quatro ventos. A primeira história que se tem notícia data do final do séc. XVIII, em que os tropeiros desembarcaram em Laguna, contaram as boas novas, chegando aos ouvidos da província catarinense e logo aos conhecimentos dos governantes da época.⁴

Figura 6 – Os tropeiros, segundo Willy Zumblick



Fonte: Revista Sua Casa, 2010.

Quando as boas novas chegaram aos ouvidos dos governantes, o naturalista alemão, Friedrich Sellow, é convidado pelo Rei D. João VI, em 1814, para examinar e pesquisar as jazidas de ouro, prata e de carvão mineral da Região Sul. Sellow fez seus estudos na região Sul de Santa Catarina, nas jazidas de carvão

⁴ O tropeiro, além de condutor de tropas que levavam mercadorias e produtos, era também uma espécie de veículo de comunicação, na época, devido à falta de acesso as notícias e a ausência de interligação entre as regiões que trafegavam.

mineral, e os enviou a Corte, que logo despertou um interesse pelas minas de carvão do estado catarinense.⁵ Em 1822, o carvão catarinense é descoberto.

Figura 7 – Friedrich Sellow



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1SQJL_pt-BRBR799BR799&tbm=isch&sa=1&ei=GXCvW9PtE4SQwgT677KYAg&q=Friedrich...

Em 1832, foi então a primeira tentativa de exploração das minas carboníferas, onde a província catarinense, na pessoa de Feliciano Nunes Pires foi previamente comunicada para que auxiliasse e também concedesse a exploração das minas de carvão do sul catarinense o quanto antes.

Todavia, a burocracia fez com que a promissora empresa desenvolvida neste mesmo ano não vingasse, sendo a mesma dissolvida, mas o interesse na exploração do carvão em momento algum passou, já que a Corte Imperial continuou investindo em pesquisas, realizadas por Alexandre Davidson dessa vez, no ano seguinte, onde fez relatórios e enviou ao Governo Imperial, mostrando o convencimento da qualidade do carvão de pedra.

⁵ Embora as jazidas carboníferas catarinenses da região de Minas (atual município de Lauro Müller) fossem conhecidas desde 1827 e exploradas desde a década de 1850, o carvão mineral só ganhou importância após o conflito com o Paraguai.

Na década seguinte, o interesse só fez aumentar, principalmente pelo fato de a descoberta estar circulando de vento em popa, uma notícia animadora para efetivar o produto em algo rentável. Porém, o país não estava em um bom momento, D. Pedro I renunciou ao trono em 1831, seu filho não pôde assumir, pois tinha apenas 5 anos, passa então o poder a regentes, o país passava por uma crise política, com revoltas em toda a extensão do país, inclusive no Sul, com a Revolução Farroupilha, ou seja, o clima não era propício para uma inovação econômica no Sul, e não era favorável a pensar a respeito de explorar as minas, já que problemas e estopins estavam estourando em todo o território nacional.

Contudo, mesmo com o país estando em um clima crítico, a província catarinense não desistiu em insistir na exploração do carvão de pedra, realizando então pedidos ao regente Imperial para iniciar os trabalhos nas minas. Em 1841, leis foram criadas para então iniciar os trabalhos de mineração catarinense, onde o Regente Imperial acatou as leis e noticiou a escolha do naturalista belga, Dr. Jules Parigot para examinar novamente a região carbonífera catarinense e relatar ao Governo seu veredito.

Sob o patrocínio do Governo Central, Jules Parigot compareceu à província de Santa Catarina e confirmou a boa qualidade do carvão, após ter realizado um grande trabalho de prospecção nessa região. [...] o naturalista belga decidiu, então, explorar o carvão catarinense, requerendo o privilégio da concessão dos terrenos carboníferos por um prazo elástico de cinquenta anos. (BELOLLI et al, 2010, p. 32).

Aparentava então, que as coisas a respeito das minas de carvão andariam dessa vez, mas não foi bem assim, novamente a burocracia e palavras mal-usadas e mal encaminhadas, estacionaram mais uma vez o “progresso”. Sendo assim, mesmo que Jules Parigot tenha se esforçado com seus conterrâneos governantes para uma parceria com o Governo Imperial, não surtiu efeito.

Por fim, mais pesquisas foram realizadas a fim de finalmente colocar “a mão na massa” e começar o trabalho nas minas de carvão. João José Coutinho, presidente da província catarinense, em 1856, relata que “têm todos, reconhecido a riqueza das minas, a boa qualidade do carvão, mas não tem aparecido, até hoje, quem queira verdadeiramente explorar.” Ele continua afirmando que, talvez a distância com o porto mais próximo, o de Laguna, seja o responsável por embargar a exploração das minas na província, ou seja, até então muitos contras e poucos

prós faziam com que o carvão no Sul seja reconhecido, mas não seja aproveitado. (BELOLLI et al, 2010, p. 33).

3.2 DA PRIMEIRA MINA DE CARVÃO À “MORTE ANUNCIADA” DA INDÚSTRIA CARBONÍFERA.

Após tentativas e erros, surge, em 1861, uma “luz”, Visconde de Barbacena resolve implementar na região de “Passa Dois”, em Santa Catarina, uma empresa para iniciar a exploração de carvão na região catarinense, o mesmo teve um prazo de dois anos para efetivar essa construção.

Figura 8 – Visconde de Barbacena



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1SQJL_pt-BRBR799BR799&tbm=isch&sa=1&ei=GXCvW9PtE4SQwgT677KYAg&q=Visconde...

Parecia que desta vez, andaria o negócio, principalmente pelo fato de que em 1874 a lei Imperial 740, autorizava a construção de uma estrada de ferro ligando Imbituba a Lauro Muller, sendo a mesma inaugurada em 1884, constituindo então a Companhia “The Donna Thereza Christina Railway Company Limited”.

Em 1876, o governo brasileiro concedeu a uma companhia inglesa o direito de explorar as minas da região. A fim de escoar o carvão extraído, a concessionária construiu em apenas três anos, entre 1880 e 1885, a ferrovia Dona

Thereza Christina, que ligava a região das Minas ao Porto de Imbituba. (MOTTA, 2011, p. 75). Foi um marco de integração para a região Sul. Meio de transporte para o escoamento do carvão para trens e a navegação.

Em 1886, o primeiro carregamento segue pela estrada de ferro para o Porto de Imbituba a todo vapor, literalmente. “Tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência que está inaugurado o tráfego de carvão das minas do Tubarão”, aclamava ao Governo Imperial, o presidente da província Francisco José Rocha. Estavam em polvorosa, a mina e a estrada de ferro finalmente estavam operando, fazendo com que a riqueza carbonífera seja então explorada. (BELOLLI et al, 2010, p. 36)

Figura 9 – A empresa Ferrovia Tereza Cristina S/A (FTC)



Fonte:<https://www.google.com.br/search?q=imagem+de+uma+gaiola+na+minera%C3%A7%C3%A3o+no+sul+de+santa+catarina&tbm=isch&tbs=ring:...>

Porém, prejuízos e danos fizeram com que o precursor, Visconde de Barbacena, desistisse do ramo carbonífero, e a estrada de ferro foi aos poucos, sendo abandonada, principalmente pelos altos custos da sua construção e manutenção, ao mesmo tempo o país dava uma reviravolta, em 1889, caindo o Império e surgindo a República, tendo a sua frente o Marechal Deodoro da Fonseca, como seu primeiro presidente.

Mais tarde, por volta de 1895, o presidente Prudente de Moraes estabeleceu uma medida legal isentando de tributos a importação de máquinas e equipamentos pelas empresas que quisessem investir na exploração do carvão. A

partir de 1914, com a queda da importação de carvão devido a Primeira Guerra Mundial, o produto catarinense assistiu seu primeiro surto de exploração, por meio de capitais privados. (MOTTA, 2011, p. 75).

Em 1917, entrou em operação a Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá (CBCA) e, em 1918, a Companhia Carbonífera Urussanga (CCU). Os ramais ferroviários do Sul do estado foram ampliados em 1919, a ferrovia Thereza Christina chegou até Criciúma e novas empresas mineradoras foram inauguradas: a Companhia Carbonífera Próspera (Criciúma, 1921), a Sociedade Carbonífera Ítalo-Brasileira (Criciúma, 1921) e a Companhia Nacional Mineração Barro Branco (Lauro Müller, 1922). (MOTTA, 2011).

O segundo surto de exploração mineral ocorreu durante o governo de Vargas, quando um decreto, expedido em 1931, obrigou que pelo menos 10% do carvão mineral utilizado no país fosse nacional. (MOTTA, 2011).

Figura 10 - Mineração de carvão em Criciúma, 1938.



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Em 1940, essa cota foi aumentada para 20%. Nos anos 1940 e 1950 várias companhias mineradoras operavam na região, pertencentes a pequenos proprietários locais e grandes empreendedores cariocas. (MOTTA, 2011). Nesse meio tempo, em 1941, Getúlio Vargas criou a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Agora o carvão ia para a indústria e passava a ser beneficiado em Capivari de Baixo.

Como se observa, pelo que foi exposto, a atividade do carvão dependia, e muito, das condições da política externa. Na Primeira Guerra Mundial, faltou carvão

no Brasil e o governo federal recorreu ao setor carvoeiro, para acionar as locomotivas e a navegação de cabotagem. Depois da guerra, esqueceram o carvão. Na Segunda Guerra Mundial, o governo recorreu novamente ao carvão, pois a Alemanha havia bloqueado o Atlântico. Após isso, o carvão caiu no esquecimento. Mas, em 1972, houve a crise do petróleo nos Estados Unidos. Devido à crise, em 1976, foi criado o plano nacional de energia, onde o carvão ganhou novo impulso.

Contudo, em setembro de 1990, o então presidente Fernando Collor de Mello publicou uma portaria desobrigando as siderúrgicas de alto-forno a comprar o carvão metalúrgico nacional. Isso provocou uma profunda crise econômica em toda a região sul catarinense. “As cidades que ainda dependiam economicamente do carvão sucumbiram num processo vertiginoso de ‘desgraça’ social’. O desemprego repentino atingiu em cheio às famílias mineiras, enquanto os donos das minas já haviam se precavido desde a década de 70 da ‘morte anunciada’ da indústria carbonífera.” (MOTTA, 2011, p. 75).

Essa desregulamentação do setor carbonífero provocou uma crise sem precedentes na história do carvão. Houve mais de 10 mil demissões em Santa Catarina. O governo federal preferiu importar carvão com alíquota zero de impostos para a metalurgia. As indústrias não precisavam mais comprar carvão brasileiro. Então, a saída para evitar a falência do setor foi aumentar a produção de energia elétrica com o carvão. O rejeito do minério do lavador da CSN, em Capivari de Baixo, já era utilizado para a produção de eletricidade. Com as barreiras do governo federal para o uso siderúrgico do carvão, o setor cresceu.

3.3 O TRABALHO NA MINA

A memória se não for instigada, tende a cair no esquecimento, a morrer e consequentemente sua importância é também deixada de lado. Porém, para que a memória mantenha-se sendo uma matéria altamente viva, essa pesquisa foi elaborada.

Já as lembranças formam um interessante enlace na memória, sendo ela individual ou coletiva. Os mineiros, por exemplo, são agentes da história do carvão na Região de Criciúma, com isso, esse pensamento na memória de cada um deles é elaborado como um fator social e cultural dos mineiros e também da comunidade

carbonífera. Agora, trazer à tona vozes que ainda estão latentes no subterrâneo da memória é muito interessante para a história do carvão. É o que se fará a seguir.

Durante o século XIX predominavam as pequenas produções carboníferas, com extração totalmente manual, possibilitando uma lavra seletiva. Depois foram se modernizando as atividades, com o avanço cada vez maior da tecnologia. Em meio a isso, deve-se levar em conta também as condições de trabalho dos mineradores. É o que se verá a seguir, com base nos relatos de pessoas que vivenciaram a época.

O Senhor José Pereira,⁶ mais conhecido como “Zezinho”, 77 anos de idade, trabalhador das minas de carvão por quase 30 anos, viveu a época de transição do trabalho manual para o mecanizado, e contou que era “manual né, hoje é tudo mecanizado, mas naquele tempo era tudo manual, barbaridade, era sofrido, era sofrido, sofrido.” Os movimentos repetitivos e cansativos por 8 horas, que era a carga horária, mais horas extras, tornava a vida do mineiro mais e mais dura e sofrida.

Figura 11 – Mineiro em trabalho manual



Fonte: Mina de visitação Octavio Fontana, de Criciúma, 2018.

Com a mecanização da mina, era o corpo humano quem devia se submeter às demandas do maquinário. Agora a produção passava a ser cada vez mais veloz e assim o mineiro ajustava seu modo de vida ao período de trabalho determinado pelas máquinas. Surgem novos hábitos que trazem grandes transformações sociais para época.

⁶ Não se inseriu foto do entrevistado, porque não consentiu fazê-lo.

O mineiro agora se transforma em um operário, que opera a máquina. As relações de trabalho passam a ser marcadas pela lógica capitalista. Recebia um salário para usar toda a sua força de trabalho. Mas, nem sempre tinha a própria vida e os direitos trabalhistas respeitados.

Floriano (2014) comenta sobre a vida e dificuldade dos mineiros, dizendo que:

com a mecanização das minas, a poeira, o ruído e tantos outros malefícios do ofício passaram a rondar o mineiro de maneira mais frequente e ameaçadora. Em alguns trechos das minas não se tinha nem trilhos de ferro; era madeira. Isso fazia os mineiros desprender um enorme esforço físico para dar conta da produção.

Para Carola (2002, p. 23), é impossível pensar a mina de carvão sem a presença marcante dos mundos íntimos e públicos que a serpenteiam e que por muito tempo não se fizeram perceber nas inúmeras fontes. Até parece que a indústria do carvão "surgiu, cresceu e desapareceu sem a participação dos trabalhadores".

Além disso, a infraestrutura das minas, muitas vezes, não favorecia o trabalho humano. Conta o Sr. Zezinho que as galerias de acesso as minas, em geral, eram extremamente baixas, fazendo com que o trabalhador tivesse que curvar seu corpo para conseguir entrar no interior da mesma. Ele diz que eles tinham "que ficar de cócoras para entrar na mina". Com isso, doenças de coluna, dores extremas pelo corpo se tornava comum no cotidiano do mineiro, principalmente pela demanda de trabalhadores descendentes de italianos e alemães, ou seja, a maioria dos mineiros eram altos, chegando a quase 2,00 metros de altura, facilitando os problemas de saúde. Não é para menos, que a aposentadoria do mineiro de subsolo ainda decorre em 15 anos.

Além desses problemas que o Sr. Zezinho lembrou, havia também, segundo Floriano (2014), muitos outros problemas:

A ventilação era insuficiente e eles tinham de respirar um ar impregnado de odores; não havia banheiros, latrinas ou qualquer coisa que desse maior higiene àquele lugar. Havia uma poeira que na mina manual ainda era pouca, mas em minas mecanizadas ou em via de mecanização fazia com que o mineiro, em poucos anos de serviço, envelhecesse e perdesse parte de seu vigor devido ao acúmulo de pó nos pulmões.

No entanto, mesmo com estes problemas apontados, há aqueles mineiros que trazem lembranças "mais positivas" da época de trabalho. Esse é o caso do Sr. Zezinho, para o qual a vida nas minas era boa em parte, porque o trabalho era bem

remunerado, e com o pagamento das horas extras, ganhava mais ainda, às vezes até o valor dessa hora era muito maior do que um dia de trabalho normal. Além disso, conta ele, não havia preocupação do mineiro com o deslocamento para o lugar de trabalho, uma vez que a empresa disponibilizava condução, “um onibozinho”, como diz o Sr. Zezinho.

Essas “vantagens” fazem-nos pensar o quão era difícil a vida na época. Certamente, a economia da região, além da mineração, estava centrada na agricultura, principalmente familiar. Os mineradores se desdobravam no trabalho, pois também exerciam tarefas na vida rural, juntamente com a família. Eles sabiam que depois de anos de trabalho na mina, saíam com sequelas ou alguma doença que dificilmente permitiriam desenvolver outras tarefas.

Porém, os riscos à saúde e a vida eram situações que os mineiros tinham ciência que não havia como fugir, se caso quisesse sustentar a família. Tinham então que estar dispostos a enfrentar tais adversidades e perigos. Na época, a mineração do carvão era um setor da economia que atraía muitas pessoas, inclusive de fora da região, pelas vantagens financeiras em detrimento a outras atividades atrativas, mas que requisitavam estudo escolar, o que para muitos desses (mineiros) era mais difícil, pois tinham apenas o primário ou eram analfabetos.

Além disso, a família dos mineiros tinha pouco conhecimento sobre as condições de trabalho em que seu esposo, pai, irmão ou filho estavam sujeitos. Quais eram as reais condições que marcavam a rotina do seu trabalho nas minas.

A senhora Ana Ferreira,⁷ mais conhecida como “Tia Aninha”, 73 anos, viúva de um mineiro, o Sr. Edgar Ferreira, – sendo ele irmão de meu avô – contou que “quando ele chegava em casa, falava que não queria ver ninguém. *Nem se o presidente aparecer aqui, diz que eu não tô.* Ele brincava assim, de tão cansado que ficava. Só queria dormir [...]. As quatro horas que ele podia dormir era sagrada.” Fato que ficou evidente na conversa com a Tia Aninha e seu filho⁸, que nada sabia do trabalho do pai, pois ao chegar cansado da mina, ele (Edgar- *in memoriam*) não falava nada sobre o dia de trabalho, queria apenas descansar, já que “ele trabalhava na roça também, plantava aqui e saía a vender os produtos né [...]. É, além da mina, tinha a roça”, completa Tia Aninha.

⁷ Não se inseriu foto da entrevistada, porque não consentiu fazê-lo.

⁸ Não foi realizada uma entrevista com o filho de Edgar Ferreira, pois o mesmo afirmou não lembrar de nada da época.

Neste caso, a rotina e dinâmica de trabalho era tão árdua, principalmente entre os anos 60 e 70, um trabalho basicamente manual, onde o cansaço tomava conta do operário, e a sua família não tocava no assunto, pois sabiam que a resposta não viria, de tão esgotados que se encontravam após a jornada de trabalho.

Como se nota, o mineiro é um ofício, sobretudo, masculino, nada invejável, uma vez que o levava a exaustão, cabendo aqui uma atenção devida ao seu empenho e preocupação em suprir ou sustentar a família, revelando-se ser decorrente de uma estrutura patriarcal. Nesse caso, cabia a mulher a tarefa domiciliar e ao marido o sustento da casa.

É nesse sentido que, o historiador Carola (2002, p. 23), busca historicizar a presença das mulheres em um mundo de trabalho pretensamente masculino,

não somente porque [as mulheres] trabalharam nas minas, mas também porque foram elas que assumiram, exclusivamente, os trabalhos da casa, o cuidado das crianças e a comida na mesa. Sem o trabalho doméstico, o homem não suportaria trabalhar no 'subterrâneo das trevas' e a indústria carbonífera não teria se viabilizado economicamente.

As mulheres tinham o papel extremamente importante no regresso dos mineiros para casa, pois eram elas que cuidavam deles, ajudavam no banho, faziam seus alimentos, e também escutavam atentas seus contos diários sobre o trabalho árduo, além claro de fazer as tarefas domésticas e cuidar de seus filhos.

As famílias eram em grande parte numerosas, para que mais mãos de obra fossem agregadas ao trabalho na agricultura e posteriormente, seguir os passos do patriarca nas minas de carvão. Toma-se como exemplo minha família, no qual meus avós tiveram 7 filhos, sendo que enquanto meu avô estava nas minas, os meninos ajudavam na roça, as meninas nas tarefas de casa e, por vezes, iam às roças também.

Minha mãe conta que ela, assim como alguns de seus irmãos, tiveram os estudos deixados de lado, para focar apenas no trabalho na roça.

A partir da modernização, Carola (2002) lembra que foram reforçados os estereótipos da mulher frágil, da sua 'naturalidade' para as 'tarefas domésticas' e para o 'trabalho leve'. O historiador mostra que pressões econômicas e preconceitos sociais denegaram as mulheres do espaço de trabalho da mina a partir daquele momento como um elemento legítimo da comunidade mineradora e reforçaram os papéis tradicionais de boa mãe, boa esposa e boa dona de casa. Divisões como

'trabalho pesado' e 'trabalho leve' fizeram com que fosse construída a história das minas como a história dos operários mineiros. Além disso, a marca do 'trabalho leve' para as mulheres apresentava a carga pejorativa da qualidade de seu trabalho (leve, portanto frágil e, do ponto de vista pragmático, insignificante). Sendo assim, acaba “esquecendo” que a classe trabalhadora tinha dois sexos, já que se evidencia o trabalho masculino e faz do trabalho multitarefa feminino algo insignificante ou “mais fácil”.

Morga (2001, p. 123) completa que o trabalho das mulheres, nas minas neste caso, foi pouco reconhecido, fato evidente na inauguração de uma estátua de bronze “de um trabalhador mineiro segurando sua principal ferramenta de trabalho, a picareta. [...] os dizeres: ‘Homenagem aos homens do carvão (1913-1946)’. Paradoxalmente, fez-se uma homenagem aos ‘homens’ (subentendidos como os donos das minas e os trabalhadores) numa época em que as minas estavam repletas de trabalhadoras.”

Como exposto anteriormente, este trabalho mesmo não sendo nada invejável, e sim um trabalho árduo, pesado e muito desgastante, não era exclusividade masculina, porém, a época que este monumento foi construído a visão da sociedade era ainda mais patriarcal que a atual, evidenciando os homens, e não dando importância ao trabalho das mulheres, por mais importante e necessário que fosse.

Figura 12- Monumento aos “homens” do carvão



Fonte: <https://vemqueteconto.com.br/2018/03/08/o-que-fazer-em-criciuma-sc/>

Citando uma trabalhadora das minas, Iracema Stefani, Carola (2002, p. 148) enfatiza a formação histórica dos papéis masculinos e femininos dentro da casa de mineiros e mineiras:

[...] a gente – dizia ela – é que tinha que lavar as costas dele, do marido, porque não existia banheiro nem chuveiro, não existia água encanada. [...] Então tomava banho de banheira; enchia a banheira d'água, ele lavava o rosto, a frente, ficava de calção, de cueca, e a gente lavava as costas.

E o que falar das escolhedeiras? Mulheres que classificavam o carvão vindo do subsolo.

Segundo Carola (2002), as escolhedeiras são os sujeitos de uma história de divisão de papéis atribuídos a homens e mulheres; são as extensões, os ligamentos e também as fugas que perpassam os temas do trabalho na mina e da manutenção da casa, da família, da economia doméstica. E é a categoria de *gênero*, como sendo "a construção social da divisão entre os sexos", que possibilita perceber a complexidade das tramas historicamente constituídas no ambiente carbonífero onde mulheres e homens construíram e foram alvo de métodos de controle social, mas também se utilizaram de operações estratégicas, táticas ou improvisações para as suas realizações pessoais.

Para enfatizar o trabalho das escolhedeiras, Bona (2012) cita a aposentada **Rosa Feliciano de Sá**, de 82 anos, que relembra como era seu trabalho de escolhedeira na Companhia Brasileira de Carvão Araranguá (CBCA). “Comecei a trabalhar com 12 anos, na Mina do Mato. Era um trabalho difícil das 7 horas às 16 horas, quando chegava do trabalho ainda tinha que cuidar dos meus irmãos e da casa”, conta dona Rosa. Sendo que as mesmas se desdobravam no trabalho das minas com o trabalho doméstico, já que o trabalho doméstico ser “exclusividade” às mulheres vêm de tempos, está enraizado na sociedade, neste caso, mesmo trabalhando arduamente nas minas de carvão, elas tinham ainda o dever de cuidar da casa e da família.

Além do trabalho mais conhecido das mulheres nas minas, as escolhedeiras, havia também o trabalho doméstico nas minas, Morga (2001, p. 126) cita por exemplo a CSN, em que as mulheres eram encarregadas também de serviço como cozinheira, ajudante de cozinheira, zeladora, parteiras-enfermeiras, camareiras, praticantes de escritório, datilógrafas, caixas do armazém, professoras, entre outros cargos. Contudo, pouco se fala do trabalho das mulheres em geral, o

que acarreta em uma perda muito grande de parte da história das minas, já que todo serviço conta e contou para o desenvolvimento econômico da região.

As trabalhadoras estavam inseridas no processo produtivo do carvão e legitimadas na função de escolhedeiras. Nesse sentido, pensar o seu cotidiano por meio do *gênero* passou a significar para Carola (2002, p. 23), que o dia-a-dia das mulheres nas minas "configurava-se também por divisões, competições e, conseqüentemente, conflitos e intrigas", não somente entre patrões e empregadas, homens e mulheres, como também entre empregadas e empregadas, mulheres e mulheres.

Foto 13 – Mulheres escolhedeiras



Fonte: https://www.google.com.br/search?q=mulheres+escolhedeiras+de+carv%C3%A3o&rlz=1C1SQJL_pt-...

A “gaiola” era outro instrumento das minas que não oferecia segurança no trabalho. O Sr. Zezinho trabalhou um mês nas profundezas da mina, mas o restante de sua carreira foi como o operador do guindaste, responsável por baixar os mineiros, trazê-los para a superfície e também levar os materiais. Ele conta que: “às vezes eu pensava assim, imagina se esse cabo arrebenta com quinze pessoas aí, como é que não vai ficar né, morre todo mundo porque, eles queriam era baixar. Eles não tavam ligando.”

Figura 14 – Condição de trabalho dos mineiros



Fonte: Mina de visitação Octavio Fontana, de Criciúma, 2018.

Para complementar a pesquisa, fizemos uma visita a Mina de Visitação Octavio Fontana, localizada no bairro Naspolini, cidade de Criciúma, e lá o responsável e guia de visitação da SATC, Winetton Rodrigues Rego,⁹ mais conhecido como “Tom”, relatou todo o processo histórico da mina utilizada exclusivamente para visitação, que foi desativada em 1995, bem como relacionou as demais minas da Região Carbonífera de Criciúma, SC.

Esta visita serviu principalmente, para complementar a pesquisa, pois permitiu visualizar como era o trabalho dos mineiros, como se alimentavam e se locomoviam no interior das minas. Esta pesquisa não se pauta apenas em referências bibliográficas e conversas com os personagens da mineração, mas

⁹ Tom, o guia da mina de visitação Octavio Fontana, não forneceu sua idade.

também com a máxima proximidade em relação ao cotidiano do trabalhador das minas de carvão.

Figura 15 – Mina de Visitação Octavio Fontana



Fonte: Elaborada pela autora, 2018

“Tom” explicou que as condições eram muito precárias em todos os sentidos, sendo que os mineiros que trabalharam até 1995, tinham pouca ou quase nenhuma segurança, pois as roupas eram basicamente camisa e bermuda, mas alguns tiravam a camisa e ficavam apenas com a bermuda, usavam apenas capacete como item de segurança, sem máscaras. “E depois que passaram a utilizar os outros EPIs, que são os equipamentos de proteção individual, que facilitou muito aí pra eles, porque antigamente era só capacete e bota” explica Tom. Esses EPIs são itens de proteção individual como macacões que cobrem todo o corpo, botas, capacetes, protetores auditivos, máscaras, luvas e óculos, ou seja, para que os trabalhadores fiquem plenos de segurança. O que era totalmente ignorado antigamente.

Figura 16 – Winetton Rodrigues Rego (Tom)



Fonte: Foto tirada na mina de visitação Octavio Fontana, de Criciúma, 2018.

O Sr. Zezinho afirma que “antes não tinha aquela lanterna que se usa aqui (indicando para a cabeça), depois que a gente saiu que botaram essas lanterna n e, senão tinha que carregar o gás, tinha que ser o gás, do carbureto, era tipo uma lanterninha ali, aí levava na mão assim.”

O carbureto era um meio de ilumina o artificial, barato e prático. Por isso, via-se vantagem econômica em utiliz -lo no trabalho das minas. É um elemento químico que reage com a água formando acetileno e hidróxido de cálcio. O acetileno   inflamável e na sua combustão reage com o oxig nio do ar liberando fuligem e energia sob a forma de luz e calor.

Figura 17 – Lanterna de minerador a Carbureto



Fonte: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1SQJL_ptBRBR799BR799&biw=1366&bih=657&tbm=isch&sa=1&ei=9arJW4S...

Sendo assim, nota-se que a segurança no trabalho não era a prioridade na época. Sobre isso, o Sr. Zezinho relatou que as “gaiolas” tinham capacidade para 9 mineiros por vez, mas, por conta das metas diárias, quanto mais mineiros eram colocados nas gaiolas, mais mão-de-obra começaria o quanto antes a pôr a “mão na massa”. Em um caso relatado pelo mineiro Zezinho, um homem faleceu com a cabeça decapitada pela gaiola, por estar com superlotação e consequentemente, com o peso acima do suportado.

Porém, casos de negligência no trabalho, como essa que foi contada, não eram relatados publicamente, para se evitar uma imagem negativa da mineração, justamente, para passar uma ideia de setor econômico atrativo. É uma espécie de

marketing das empresas. Em compensação, quanto mais eles pagam pelo trabalho do mineiro, mais as pessoas se calam frente a acontecimentos como esse.

Contudo, os jornais noticiavam alguns acidentes, mas não a totalidade deles, principalmente aqueles que vitimaram mais trabalhadores, como o acidente da mina de Santana, em Urussanga que vitimou 31 trabalhadores, neste caso a companhia não teve como jogar esse acidente para baixo do tapete, e foi responsabilizada pela falta de segurança no trabalho. Porém “a ausência de informações sobre melhorias na segurança do trabalho fortalece um discurso de uma mineração sem problemas” comenta Felipe (2013), já que o conteúdo nos jornais era de apenas casos onde houve vítimas fatais, sem evidenciar o que acarretou em alguns casos, e por fim se este problema foi resolvido.

O Sr. Zezinho, durante a conversa, comentou sobre alguns acidentes, e falou além, disse que houve um deslizamento uma vez que vitimou fatalmente um trabalhador, e que a companhia não foi responsabilizada e nem moveu um músculo para tirar o corpo do local, “nós que tiramos ele, a gente subiu ele na gaiola e eu que dei banho nele lá em cima. O pobre coitado era subordinado né, via que a madeira tava podre, mas mandaram ir e ele foi, e tudo caiu em cima dele” conta o Sr. Zezinho.

Este e outros casos são fatos que estão no pensamento dos trabalhadores que presenciaram a árdua tarefa de ser mineiro em épocas onde a segurança do trabalho vinha em segundo plano, dando lugar as metas a serem batidas. Em relação a isso, Felipe (2013) relata, em sua pesquisa, sobre o descaso das empresas e o descaso da mídia em noticiar menos da metade dos casos fatais nas minas entre 1980 e 2000, isso enfatiza a ideia de marketing empresarial, para que a imagem de trabalho bem remunerado e seguro seja mantida.

Figura 18 - Vestimenta e segurança dos mineiros em diferentes épocas



Fonte: Mina de visitação Octavio Fontana, de Criciúma, 2018.

Minha mãe, Genilda Ferreira, 45 anos, conta que meu avô presenciou acidentes como explosões, deslizamentos e desmoronamentos, mas que ele só contou tais fatos depois de ter saído das minas, antes, via, mas não comentava com a precaução de o delatarem aos diretores da empresa e assim ser demitido. Já que, nos anos trabalhados por meu avô, por exemplo, foram os anos onde o trabalho nas minas tomou uma proporção gigante, este emprego, principalmente na região sul catarinense ficou com uma enorme visibilidade, fazendo com que mais e mais pessoas procurassem as companhias carboníferas para trabalhar nas mesmas. Por conta dessa procura avassaladora, os mineiros já empregados calavam frente a erros e acidentes para que não fossem trocados por outro trabalhador e ser feito de exemplo para os demais.

Figura 19 – Genilda Ferreira

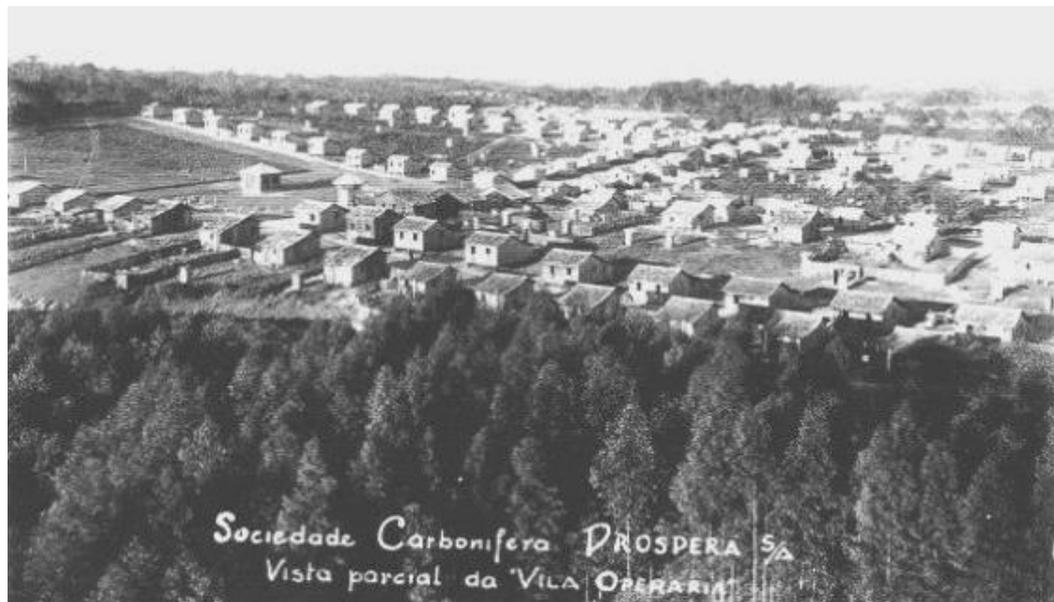


Fonte: Acervo pessoal da autora. 2018

Para Carola (2002, p. 97), a vila operária era um local de atração de migrantes, espaço de atuação das companhias carboníferas onde "praticamente tudo pertencia aos donos das minas: os terrenos, as casas, os clubes de festas e dança, os clubes de futebol, o armazém e a escola". Essas vilas eram locais tipicamente das famílias mineiras, um diferencial das demais localidades, onde as características do trabalhador das minas e "os apelidos trocados entre si e a forma de organização da categoria em movimentos reivindicatórios foram também marcas identitárias que os mineiros introduziram na memória e na cultura do carvão", conforme Goularti Filho (2004, p. 372).

Além disso, para Carola (2002, p. 118), as vilas operárias eram também os espaços das mulheres, áreas de sua 'outra' jornada de trabalho, onde "buscar água e lenha e cuidar do orçamento familiar, além dos afazeres tradicionais da casa, eram tarefas predominantemente femininas".

Figura 20- Vila operária da Próspera, Criciúma SC.



Fonte: <https://narrativadeviagem.wordpress.com/2017/08/05/os-lugares-da-cidade/>

Assim, é muito difícil pensar as minas de carvão de Criciúma e de outras regiões do Brasil, de uma maneira única, como um corpo orgânico, homogêneo e masculino. Pensar as minas significa pensar seus trabalhadores mais visíveis, os mineiros, mas também remete conhecer e percorrer as condições materiais e culturais que possibilitam esse trabalho, seu café da manhã, seu banho, suas aspirações entre outros motivos.

Até parece que a indústria do carvão "surgiu, cresceu e desapareceu sem a participação dos trabalhadores" (CAROLA, 2002, p. 23). Há que se revelar assim outra faceta da história social do mundo do carvão catarinense, que durante muito tempo "não foi dita" e que dizia respeito diretamente à (in)visibilidade das trabalhadoras das minas.

Cumprir dizer também que, na época enfocada, as leis trabalhistas não eram plenamente voltadas e respeitadas para o mineiro. A empresa parecia ter um dono inquestionável, e não um empregador. Isto evidenciou o papel do sindicato, como um instrumento de defesa do trabalhador. Por isso, em regiões de mineração, no Brasil, ainda há uma força política trabalhista considerável.

O município de Criciúma, localizado no sul de Santa Catarina, a 170 km da capital Florianópolis, ficou conhecido a partir do final da década de 1940 como a "capital nacional do carvão". Entretanto, na segunda metade da década de 1980, o

setor carbonífero passou por uma grande crise, que resultou em uma série de consequências para os trabalhadores: arrocho salarial, demissões e perda de estabilidade no emprego foram algumas delas. Mas, os mineiros, em conjunto com outras categorias de trabalhadores urbanos, formadas no processo de diversificação econômica, foram às ruas, reivindicaram e lutaram pela manutenção de seus empregos. (SILVA, 2006).

Com um movimento sindical forte e combativo na década de 1980, a cidade de Criciúma assistiu a diversas greves, manifestações e formas de resistência contra uma nova situação econômica baseada nas perdas salariais, no fim do subsídio estatal para as indústrias carboníferas da região e em políticas de privatizações que se intensificaram no início do governo Collor, em 1990. (SILVA, 2006).

O sindicato dos mineiros, até então um dos mais importantes da região sul do país, perdeu força na década de 1990. Em parte, pelo fechamento de diversas empresas, mas principalmente, pela brusca redução do número de trabalhadores no setor. O último grande conflito envolvendo o sindicato dos mineiros foi em 1996, quando foi votada na Câmara Municipal a Lei Ambiental que impedia a exploração de carvão pela companhia Carbonífera Nova Próspera S.A. na área de proteção de Morro Albino e Morro Estevão, o que provocou diversas demissões. (SILVA, 2006).

Figura 21- Greve dos mineiros contra a privatização da CSN, em 1960



Fonte: <https://narrativadeviagem.wordpress.com/2017/07/09/o-trabalho-e-a-producao-no-campo-e-na-cidade/>

A classe trabalhadora das minas de carvão merece todo o respeito e admiração por cada dia que os mesmos desciam para o abismo escuro das minas de carvão para sustentar suas famílias, para gerar lucros para a região movimentando a economia, não só local, mas também regional e federal.

Desde sua descoberta pelos indígenas e posteriormente pelos tropeiros, o carvão tem sido um objeto cobiçado por muitos, que fez por anos, o mundo olhar a riqueza existente na região sul catarinense. Com isso, mais e mais visibilidade as minas de carvão tiveram, e os trabalhadores e trabalhadoras dessas minas tornaram-se verdadeiros heróis e heroínas da região, por conseguir enfrentar medos e incertezas diariamente.

Para finalizar este capítulo, uso como exemplo de garra e força, os 33 mineiros presos na mina de San Jose, no Chile, em 2010, pois mostra detalhes da árdua tarefa enfrentada pelos mineiros, e os perigos e descasos enfrentados por tantos outros. Mas, porque usar esse evento como exemplo, já que a pesquisa foca na região carbonífera de Criciúma, no Brasil? Bom, por conta desse evento ter tido uma repercussão e comoção internacional, e que mostra o descaso da companhia frente ao problema, mostra também a garra desses mineiros enfrentando 69 dias embaixo da terra, sem desanimar e sem pestanejar frente ao evidente perigo.

Nesse meio, lembro dos relatos do Sr. Zezinho, do companheirismo que os mineiros tinham uns com os outros, sempre ajudando e se preciso fosse, enfrentavam os perigos uns pelos outros também, e esse evento tão próximo, ficou em minha memória, pois via, mesmo sem estar lá, meu avô e tantos outros que poderiam estar na mesma situação.

Cabe aqui então revelar minha imensa admiração e orgulho de ser neta de um mineiro aposentado, que trabalhou na mina, por sua família, colegas e amigos de trabalho. Em sua homenagem, ficam, dessa maneira, expressos os versos a seguir:

*É ferro e fogo, é pó, é lama;
É escuridão, é escuridão.
Assim vive o Chico, debaixo do chão.
Assim vive o Chico, debaixo do chão.
É suor no rosto, é mágoa e desgosto,
É espera do dia de alguma alegria...
É Joana chorando, é Maria esperando,
O Zeca voltar, o Zeca voltar.
É teto estalando, barulho avisando,
Que vai desabar, que vai desabar,
É gente fugindo igual a rato intocado,
Quem foi que ficou lá do outro lado?¹⁰*

¹⁰ Canção utilizada como fundo musical para a matéria da TV Manchete (1989-1991). O autor da canção não está creditado na matéria.

4 CONCLUSÃO

O trabalho do mineiro era/é de suma importância para a economia da cidade de Criciúma, bem como para a região carbonífera. Porém, esta monografia traz relatos e pesquisas que enfatizam a importância maior aos trabalhadores, que exerceram essa profissão perigosa e por vezes fatal, para que então metas e mais metas fossem batidas, com o intuito de engrandecer economicamente a metrópole e sua região.

Assim, o interesse pelo tema surgiu de conversas com minha mãe acerca do trabalho e peripécias do meu avô. Tornou-se então um sonho a se realizar, e aos poucos com leituras, conversas e documentários, esse sonho foi se concretizando. O trabalho é algo muito importante para mim e para minha mãe, e ver a concretização deste sonho, que foi além das minhas expectativas, é muito interessante.

Contudo, por meio das pesquisas, observamos que o cotidiano dos mineiros não era nada fácil, pois os relatos aqui apresentados, mostram acidentes que poderiam ser evitados se caso a segurança do trabalho fosse levada à risca. Já que equipamentos de proteção individual (EPIs) foram aperfeiçoados apenas depois de 1995, antes disso esses acidentes aconteciam e nada era feito a respeito. Sobre isso, os mineiros se mobilizaram por melhorias na segurança do trabalho, embora não fosse essa a mais forte entre as reivindicações.

Embora esta profissão tenha sido imprescindível para a movimentação econômica da região, fatos como a segurança não eram tão relevantes, e o trabalho da imprensa de noticiar os acidentes era manipulado, devido ao marketing empresarial. Ou melhor, notícias de acidentes fatais, principalmente nas décadas de 70-80, eram muito comuns, embora fossem “notícias rasas”.

Ao adentrar no assunto abordado no trabalho, pude, de forma indireta, aproximar-me da realidade vivida por meus familiares, principalmente meu avô, e explorar cada aspecto dessa realidade, fazendo com que eu desse um extremo valor a todos que se arriscaram nas profundas minas de carvão, para que a região pudesse crescer economicamente e ser, de fato, colocada no mapa como uma região importante para Santa Catarina e para o Brasil.

A pesquisa trouxe diversos impasses para que se chegasse a uma conclusão, mas os objetivos foram atingidos de modo que houvesse a

contextualização nos âmbitos regional e nacional do carvão, com um histórico da descoberta até a exploração do carvão, abrangendo de forma direta e sucinta o que, de fato queria mostrar e trazer à tona. Na verdade, a monografia foi além dos objetivos iniciais, fazendo com que “brotassem” ideias para projetos futuros, como por exemplo, ir a fundo nos casos de acidentes desde a década de 50 até a década de 90, já que após essa década, os EPIs foram reavaliados e a segurança no ambiente de trabalho foi levado mais a sério. Outra questão levantada no trabalho que me motiva a realizar mais estudos é a questão das mulheres que trabalharam nas minas de carvão e merecem o devido reconhecimento.

REFERÊNCIAS

BELOLLI, Mário et al. **História do carvão de Santa Catarina**. Criciúma: MEG Mário Editora e Gráfica LTDA, 2010.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

FELIPE, Giovani. **Os acidentes nas minas de carvão da Região Carbonífera de SC (1980-2000): Uma História Silenciada Pela Ideologia Do Progresso E Pelos Órgãos De Comunicação Regional**. 2013. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (História- Licenciatura e Bacharel), Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, 2013.

FLORIANO, Paulo César, **Greve dos mineiros em 1960**. Câmara Municipal de Criciúma, 2014. Disponível em: < <https://www.camaracriciuma.sc.gov.br/historia-criciuma-ver/greve-dos-mineiros-em-1960-13> >. Acesso em: 23 out. 2018.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GOULART FILHO, Alcides. (Org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

MEIHY, Jose Carlos. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOTTA, Alexandre de M. **Viajando pelas fronteiras de Santa Catarina: da gênese à atualidade**. Tubarão: Copiart, 2011.

MORGA, Antonio. (Org.). **História das mulheres de Santa Catarina**. Chapecó: Editora Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2001.

_____. **Metodologia da Pesquisa Jurídica**: o que é importante saber para elaborar a monografia jurídica e o artigo científico. Tubarão: Copiart, 2012.

SILVA, Rafael Pereira da. **A autonomia aparente**: formação, trajetória e relações políticas de um Centro de educação popular em Criciúma (CEDIP)1983-1998. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2006.

SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. **Revista Métilis**: história & cultura, Cap. 2, v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. Caxias do Sul, 2007.